



LAGOA ENCANTADA E O BAIRRO MORADA DA SERRA EM CUIABÁ - MT: A IDENTIDADE CONSTRUÍDA NOS CPAS III E IV

Bruna Santos e Silva ¹
Marcia Alves Soares da Silva ²

RESUMO

A proposta apresentada refere-se a um recorte da pesquisa de mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFMT, voltado a apreender as relações sociais refletidas no Parque e ETE Lagoa Encantada, localizado em Cuiabá-MT. Este subcentro de renda médio-baixa configura-se como um dos mais populosos da cidade e surgiu a partir da construção dos Conjuntos Habitacionais do Centro Político Administrativo (CPA) na década de 1970 – com expansão gradual, forma uma malha urbana fragmentada e diversificada. Optou-se por analisar o Parque e os CPAs III e IV como recorte coerente à escala do cotidiano, identificando que os canteiros centrais funcionam como elementos estruturadores, articulando usos e oportunizando a sociabilidade. A pesquisa exploratória utilizou o método de observação em sombreado, complementado por fotografias, mapeamentos e registros de práticas de cuidado, evidenciando que a apropriação do espaço confere significados para além da função formal e reflete modos de vida construídos pelos moradores. O Parque, ainda que subutilizado, encontra sentido dentro deste sistema urbano-afetivo-funcional, e a presença de práticas de cuidado reforça pertencimento e vitalidade local. A análise revelou como os elementos físicos e sociais articulam-se no cotidiano, compondo a identidade do lugar. Diante disso, compreende-se que a identidade do setor analisado emerge da conjugação do material e do imaterial, sendo potencializada pela articulação funcional entre os canteiros e o Parque. Representar este território, ainda que parcialmente, exige ir além de métodos tradicionais, reconhecendo a multiplicidade, a vitalidade e o caráter mutável do espaço e de quem o configura.

Palavras-chave: Infraestruturas Sociais, Cotidiano, Cuidado, Fisionomia, Dinâmica.

RESUMEN

La propuesta presentada se refiere a un fragmento de la investigación de maestría en curso en el Programa de Posgrado en Geografía de la UFMT, orientada a comprender las relaciones sociales reflejadas en el Parque y la ETE Lagoa Encantada, ubicados en Cuiabá-MT. Este subcentro de ingresos medios-bajos se configura como uno de los más poblados de la ciudad y surgió a partir de la construcción de los Conjuntos Habitacionales del Centro Político Administrativo (CPA) en la década de 1970. Con una expansión gradual, forma una malla urbana fragmentada y diversificada. Se optó por analizar el Parque y los CPA III y IV como un recorte coherente a la escala de la vida cotidiana, identificando que las medianas funcionan como elementos estructurantes, articulando usos y propiciando la sociabilidad. La investigación exploratoria utilizó el método de observación en sombreado, complementado con fotografías, mapas y registros de prácticas de cuidado, lo que puso de

¹ Mestranda do Curso de Geografia da Universidade Federal do Mato Grosso- UFMT, brunasilvaarqurb@gmail.com;

² Prof^a Dr^a e Coordenadora do Curso POSGEO da Universidade Federal do Mato Grosso- UFMT, marcia.alves.geo@gmail.com;



manifiesto que la apropiación del espacio confiere significados más allá de la función formal y refleja los modos de vida construidos por los residentes. El parque, aunque infrautilizado, encuentra sentido dentro de este sistema urbano-afectivo-funcional, y la presencia de prácticas de cuidado refuerza el sentido de pertenencia y la vitalidad local. El análisis reveló cómo los elementos físicos y sociales se articulan en la vida cotidiana, componiendo la identidad del lugar. Ante esto, se comprende que la identidad del sector analizado surge de la conjugación de lo material y lo inmaterial, potenciada por la articulación funcional entre los canteros y el parque. Representar este territorio, aunque sea parcialmente, exige ir más allá de los métodos tradicionales, reconociendo la multiplicidad, la vitalidad y el carácter mutable del espacio y de quienes lo configuran.

Palabras clave: Infraestructuras Sociales, Vida Cotidiana, Cuidados, Fisonomía, Dinámica.

INTRODUÇÃO

A proposta a ser apresentada refere-se a um recorte do trabalho de dissertação de mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso. A pesquisa tem se dedicado a esforços metodológicos voltados à apreensão das relações sociais refletidas no Parque Municipal Lagoa Encantada. A análise aqui apresentada concentra-se em uma etapa inicial de (re)aproximação com o objeto, buscando analisar sua relação com o bairro em que está inserido: o Morada da Serra, em Cuiabá-MT.

O mencionado bairro, cujo perfil socioeconômico é de renda médio-baixa, é um subcentro localizado na região Administrativa Norte de Cuiabá. Sua implantação teve início com a construção do Conjunto Habitacional do Centro Político Administrativo (CPA), mediante um processo de descentralização do Centro Antigo. O Conjunto Habitacional foi construído gradativamente (através de setores popularmente conhecidos como CPA I, II, III e IV), a partir da década de 1970. Com o passar dos anos, outras localidades foram formando a estrutura do que hoje é retratado como uma “cidade dentro da cidade”.

Devido ao processo de formação fragmentada do bairro, algumas de suas localidades apresentam um desenho viário que não se conecta, conformando uma malha que, embora predominantemente ortogonal, revela setores bastante divergentes em sua composição. As principais atividades e infraestruturas físicas do bairro se concentram nos conjuntos habitacionais, observando, dentro destes, uma diversidade que vai desde o perfil socioeconômico dos moradores até o tipo de comércio existente – variando entre os de caráter local, como as pequenas mercearias inseridas entre usos residenciais, e os de caráter global, representados por grandes redes e multinacionais.

Diante disso, e para que a análise não desconsiderasse as particularidades dos trechos deste território, optou-se por analisá-lo a partir de um recorte analítico, através de uma lógica que emergisse de sua própria realidade, definindo-o a partir da observação coerente com a escala do cotidiano. Assim, em vez de analisar a relação do Parque com o bairro em sua totalidade, propusemo-nos a enxergá-lo em um recorte mais próximo e experienciável – aquele que, partindo do comum, orienta e justifica a delimitação aqui apresentada.

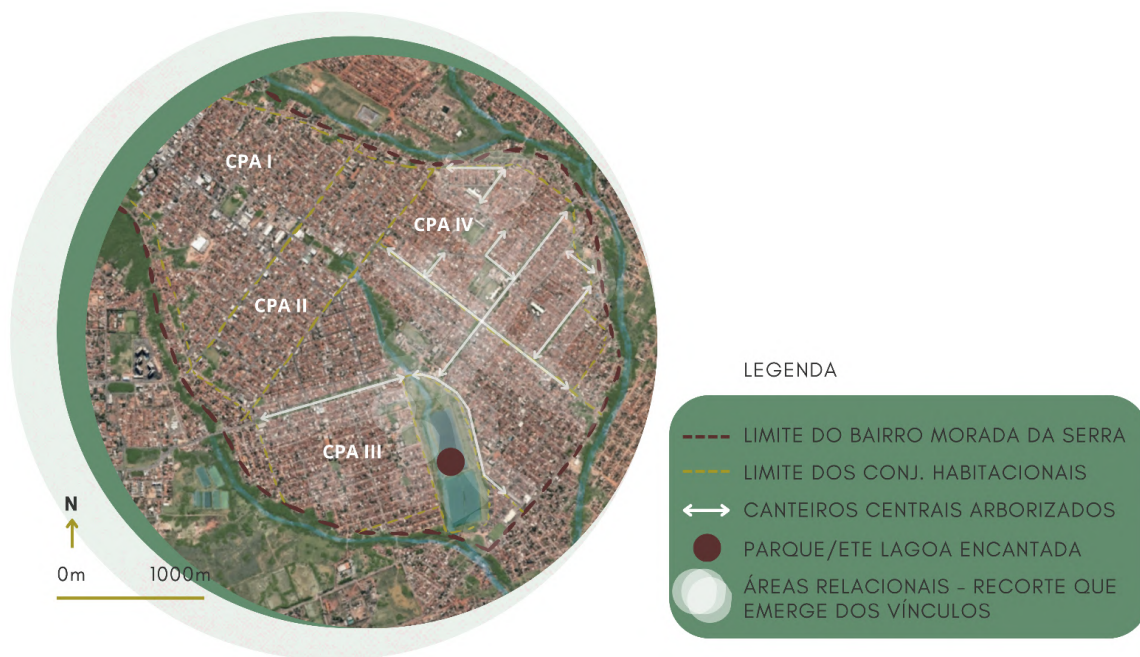


Figura 1 - Mapa do Bairro Morada da Serra.

Fonte: Base de dados: Google Earth, modificado por Bruna Silva. 2025.

Reconhecendo as possibilidades analíticas, designamos o agrupamento de áreas que se articulam por meio de suas características físicas e pelos ritmos imprimidos ao território através de seus movimentadores cotidianos, compreendendo, assim, como uma possível unidade, as localidades denominadas de CPA III e CPA IV que, paralelamente, englobam o Parque e ETE Lagoa Encantada. Tal agrupamento não se justifica necessariamente pelo traçado urbano, mas pelas similaridades observadas na ocupação, apropriação e existência dos canteiros centrais; na proporção do uso misto do solo; e nas práticas que dão vida às ruas de maneira comum e continuada.

Por reconhecer os elementos que se somam e conferem coerência à nossa leitura relacional do Parque em sua inserção, o cotidiano se revela como um entrelaçamento fértil,



mostrando-se mais relevante, para esta análise, do que a definição de um recorte rígido. Em razão disso, não delimitamos nosso recorte a partir de limites documentalmente estabelecidos, mas o compreendemos como uma área híbrida, demarcada por sombreamentos que simbolizam as apropriações capazes de imprimir ritmos de funcionamento ao espaço, indicando onde essas dinâmicas se manifestam com maior intensidade.

Neste estudo, o Parque e Estação de Tratamento de Esgoto Lagoa Encantada é compreendido como um importante elemento estruturador do território que, por meio de seus limites, marcos e funções, contribui para organizar e demarcar o setor em questão. Na escala intraurbana, tal estrutura, ainda que assinalada por desarticulações, revela grande importância e potencialidade no entrelaçamento com outros Espaços Livres Públicos (ELPs) dos CPAs III e IV, compondo uma espécie de sistema urbano-afetivo para esta escala. Dentre esses ELPs, destacam-se os canteiros centrais arborizados que, mesmo regidos por dinâmicas distintas, revelam vínculos funcionais com o Parque - costurando o cotidiano dos moradores.

Portanto, é no diálogo entre fragmentos e relações que se manifesta uma unidade neste recorte formado pelo Parque e, sobretudo, pelos canteiros dos CPAs III e IV: um conjunto de traços, usos e afetos que confere ao território um caráter singular. Esse conjunto revela um lugar dotado de uma identidade característica, que, ao somar o físico e o intangível, torna o recorte distinguível dentro do bairro e, a depender da camada evidenciada, até mesmo dentro da cidade.

É importante destacar que identificamos neste recorte uma identidade totalmente construída por quem ali mora, trabalha, estuda e transita. Percebe-se uma “face” que é dada ao lugar através das implementações e adequações feitas com o passar dos anos sobre o espaço público - espaço este, erguido através de um projeto formal que, geralmente, não prevê estas dinâmicas.

As apropriações observadas refletem modos de vida, mas também revelam, de certa forma, um condicionamento dado pela estrutura física existente. Contudo, visualizamos esta estrutura mais como uma oportunidade para o surgimento dessas atividades do que como uma determinante do que pode ser desencadeado no espaço. Essa percepção evidencia a bidirecionalidade entre o planejamento formal e o significado do lugar, construído a partir da vivência, da significação mental e das modificações que nele se realizam – modeladores do que temos denominado como identidade construída.

Os formatos de análise nos permitiram um amplo exercício de escala de observação e de representação. A partir de um olhar construído principalmente na escala humana – que se entetece naquilo que, de fato, se vê na altura dos olhos –, sustentamos um exercício que



mergulhou nas relações existentes; relações que, conforme a proximidade da análise, revelam características profícuas de aprofundamento. Esse processo demonstra que o envolvimento, o movimento, o diálogo e a identificação da própria pesquisadora durante o ato da pesquisa geram diferentes caminhos a se seguir – caminhos que aqui expomos, ainda que em um recorte possibilitado pelo que se discute: a relação entre o Parque e seu conjunto estruturado, sobretudo, pelo cotidiano que acontece nos canteiros centrais.

METODOLOGIA

Em um primeiro momento, sabia-se que o Morada da Serra é configurado como um território amplo e diverso – informação já evidenciada em estudos prévios sobre o lugar (Souza, 2019; Silva, 2021; Silva et al., 2024). Contudo, a delimitação de um recorte espacial foi possível, inicialmente, a partir da observação dos espaços livres públicos (em sua forma, tipologia, disponibilidade e configuração) e da percepção do ritmo das pessoas (suas condicionantes de deslocamento e apropriação).

Com base nesses aspectos, compreendemos que os CPAs III e IV funcionam quase como uma unidade, sendo os canteiros centrais o principal elemento estruturador conector: entendidos como eixos de deslocamento (Souza, 2019) que, juntamente com o Parque Lagoa Encantada, conformam recintos, amenidades e espaços de interesse dos moradores.

Presume-se que a identidade de um lugar cabe naquilo que o torna distinguível, ao passo que ele se torna identificável por alguém - associando ao reconhecimento, e também à dimensão que gera pertencimento. Compreendendo que essa identidade expressa uma relação que habita uma esfera individualizada, mas que pode ser expressa em imagens comuns (Lynch, 1960), preferimos analisar a dinâmica do território pessoalmente, através de um estudo exploratório que conseguisse experimentar a atmosfera daquilo que é construído de maneira coletiva.

Inicialmente, a exploração do recorte se deu a partir de um olhar que busca investigar “de fora”, aplicado por meio do método investigativo sombreado (Paiva, 2024). Este método visa aproximar-se o máximo possível da ação social, mas sem intervir em sua essência, esforçando-se para tornar a presença do pesquisador (se possível) invisível, uma vez que a percepção de estar sendo observado pode alterar o comportamento dos sujeitos. Conforme define Paiva em *Manual de Métodos Qualitativos em Geografia* (2024), o método sombreado apresenta níveis variados de dissimulação e pode ser assimilado ou, até mesmo, facilmente confundido com métodos móveis, caminhadas acompanhadas e etnografias.



Trata-se, portanto, de uma abordagem especialmente adequada para a análise de espaços públicos, pois permite ao pesquisador estar presente nos lugares sem necessidade de autorização e identificação prévia, ao mesmo tempo que contorna a divisão convencional entre metodologias participante e não-participante (Paiva, 2024). Em consonância, o sombreado não nega a perspectiva do pesquisador, que reconhece sua presença na ação social, mas deseja observar como estrangeiro, captando o território com paciência e atenção aos detalhes – algumas das características que este formato possibilita.

A escolha desse método como inicial para orientar a captura das relações entre os elementos de nosso recorte e, intencionalmente, descortinar sua identidade, também se vincula ao fato de que, enquanto primeira autora deste artigo, sou moradora e frequentadora do lugar. O método permite dar um passo “atrás” em relação às premissas que já se tem sobre o território e, a partir de um olhar “de baixo”, perceber detalhes que poderiam passar despercebidos no ritmo da rotina diária repetitiva.

Os dados registrados no sombreado nos possibilitaram compreender certas reproduções de comportamentos historicamente presentes na cidade. Estas permanências reverberam modos de vida que continuam sendo reproduzidos mesmo diante da concepção de espaços abstratos que tendem a suprimir as diferenças, a homogeneizar, a fragmentar o que é vivido no partilhar – modificando a relação das pessoas com o espaço e consigo mesmas. Essas práticas, portanto, revelam a construção de uma identidade local que se manifesta tanto na vivência cotidiana quanto na evocação da história e da memória coletiva (Neto, 2005).

Percebeu-se que o Parque, ao ser abordado sob a escala do cotidiano, apresenta conexões não apenas com outros ELPs, mas também com equipamentos públicos. A partir disso, surge a necessidade de expressar estas conexões em nossos registros, utilizando o aporte de mapeamento. Ainda que a relação mais intensa se manifeste dentro do recorte já apresentado na introdução, compreendemos que sua análise demandava por uma aproximação cartográfica mais detalhada, capaz de subdividir esse recorte em pequenas áreas de observação.

Esse movimento permitiu mapear cada atividade identificada, o que não seria possível na escala cartográfica anterior. Assim, ainda que tratemos de escalas de análise vinculadas à abordagem do cotidiano – ao nível dos olhos e à experiência vivida –, o processo de representação exigiu igualmente um exercício escalar de cartografia, no qual aproximar e distanciar tornaram-se gestos complementares para traduzir o visível.

Nossos levantamentos foram realizados, sobretudo, durante os três primeiros meses do ano de 2025, em diferentes dias da semana, em alternados períodos do dia e através de modais

mistos, como parte do viés exploratório da pesquisa de mestrado em andamento. Neste formato, foi possível realizar um diário de campo que exprimisse os ritmos urbanos que abarcam os trajetos, intensidades, afet(ações) e trajetórias que constituem as dinâmicas cotidianas.

Esses registros, como um todo, permitiram reconhecer as principais características que tornam o conjunto dos CPAs III e IV, incluindo o Lagoa Encantada, um lugar. A partir da reunião dos dados e da produção de mapeamentos-síntese, foi possível compreender como essas atividades se espacializam, quem as realiza, quais fatores as condicionam e, sobretudo, em quais pontos as práticas de cuidado manifestam um pertencimento que reafirma e ressignifica a identidade destas localidades em si e enquanto pertencentes a um grande bairro.



Figura 2 - Mapa do recorte de análise e seus fragmentos de aproximação.

Fonte: Base de dados: Google Earth, modificado por Bruna Silva. 2025



Figura 3 - Mapas de análise dos recortes 01 ao 05.

Fonte: Base de dados: Google Earth, modificado por Bruna Silva. 2025



Figura 4 - Mapas de análise dos recortes 06 ao 09.

Fonte: Base de dados: Google Earth, modificado por Bruna Silva. 2025

Como ferramenta capaz de elucidar de forma mais fiel os ritmos, afetos e práticas, apoiamo-nos também em registros fotográficos, compreendendo que o mapeamento cartográfico, concebido em formato de sobrevoo, poderia não nos contemplar em sua totalidade e desafiar a abordagem que estamos construindo. As capturas fotográficas, ao identificarem quem realiza as atividades observadas, não têm como propósito inicial revelar a identidade individual das pessoas envolvidas, resguardando, nesse sentido, os valores éticos da investigação.

Ainda sob o método sombreado, as fotografias são produzidas de modo que os sujeitos não se percebam como pesquisados, sendo posteriormente intervencionadas com traços que apenas delimitam suas formas, impedindo qualquer reconhecimento direto.



figura 5 - Vivências nos canteiros centrais da Av. Dr. Vicente Emilio Vuolo

Fonte: Bruna Silva. 2025



figura 6 - Abrigo e circulação de pedestres nos canteiros centrais da Av. Dr. Vicente Emilio Vuolo

Fonte: Bruna Silva. 2025



figura 7 - O que acontece nos caminhos para/e dentro do Parque;

Fonte: Bruna Silva. 2025



Em etapas mais recentes temos buscado emergir do sombreado, isto é, deixar-nos reconhecer enquanto pesquisadoras. Esse processo de emergir nasce do desejo de capturar outras camadas de experiência que, embora não componham diretamente o escopo deste artigo, contribuem para o propósito mais amplo da dissertação: pensar metodologias possíveis para a apreensão das relações sociais inscritas neste lugar.

O que já se pode anunciar é que, a partir dessas experimentações, temos desenvolvido aproximações com métodos móveis (Paiva, 2024; Büscher e Veloso, 2018) – que compreendem, de maneira sucinta, o ato de mover-se com o sujeito, mover-se pelo objeto, ou ainda, estagnar-se para registrar o movimento dos sujeitos. Também incorporamos percursos narrados, que, atrelados à análise comportamental e ao uso de biossensores, ensaiam expressar afetos manifestos na fala ou nos gestos - aproximando-se daquilo que, como discute Lindón (2017), não é plenamente consciente.

Nesta somatória, outros registros fotográficos têm sido realizados de modo mais sistematizado, com foco e temporalidade definidos (em sequência ou por meio de time-lapse - Paiva, 2024), ultrapassando o registro espontâneo que aqui fora apresentado para alcançar uma construção mais processual e intencional.

Por fim, temos buscado também dar espaço à expressão direta do pesquisador, reconhecendo que a experiência vivida no território não é apenas meio de observação, mas parte constitutiva da própria pesquisa. Nesse sentido, compreender a forma como conduzimos o processo investigativo é, ao mesmo tempo, compreender como nossas vivências configuram lugares - e como a incorporação dessas experiências representa um ganho epistemológico significativo para os estudos que se propõem a olhar o espaço a partir da vida que acontece.

REFERENCIAL TEÓRICO

Conforme já elucidado, esta pesquisa, em seu viés exploratório, se desenha a partir das percepções, somando o que se observa e apreende da realidade existente ao referencial teórico adotado. Iniciamos a fase teórica deste estudo com autores que retratam a composição da identidade de um lugar e que nos oferecem subsídios para, a partir disso, pensar as relações afetivas presentes no cotidiano das pessoas.

Silva e Matos (2024) entendem as práticas cotidianas como influentes na formação da identidade individual, entretanto também compreendem-na como pertencente e diretamente vinculada à reprodução social, explorando as dualidades de controle em uma realidade



homogênea construída pelo capital, ao mesmo tempo em que dialogam sobre a relação sociedade-indivíduo.

É nesse movimento que se manifesta um sentido de pertencimento resistente à padronização: uma dinâmica que dialoga com os modos de vida globais, mas que, em suas particularidades, preserva nuances de sociabilidade local. Assim, mesmo diante de processos de uniformização, os habitantes revelam potência em ressignificar os lugares, fazendo com que a cidade - sobretudo em suas margens - continue sendo múltipla, viva e habitável.

A formação das identidades - sejam elas culturais, territoriais e/ou visuais - está enraizada nos contextos sociais, coletivos e históricos de cada localidade. Trata-se de um processo de produção simbólica e discursiva, que realça as características e valores próprios de um lugar em composição com elementos representativos de outras culturas. Afinal, “são essas identidades que dão personalidade aos lugares dentro de um contexto global” (Tarouco, 2011, p. 26).

Compreendemos que são múltiplos os caminhos, abordagens e escalas possíveis para se investigar a identidade - seja no intuito de captá-la coletiva ou individualmente, no local ou no lugar, no âmbito do cotidiano ou do físico. É nítida nossa inclinação por uma abordagem que apreenda as relações sociais que se estendem pelo território e que, ao se arranjarem, denotam sentido e, por conseguinte, identidade - e, por consequência, segurança. Reconhecemos, contudo, que enquadrar nossa abordagem em uma única “caixa” poderia limitar um estudo que, por ser exploratório, interessa-se justamente por provocar “a ambiguidade, a possibilidade de uma solução não prevista, um olhar descentrado, uma saída inesperada” (Magnani, 2002, p. 16).

Dentre essas possibilidades, Neves (2000) nos oferece uma base de referências que geram respaldo para pensarmos a identidade vinculada às narrativas históricas, enquanto Lynch (1960), por exemplo, propõe uma análise centrada na imagem urbana a partir de uma abordagem visual que explora suas significâncias. Foi com base nessas referências que nos propusemos, inicialmente, a explorar essas camadas. No entanto, à medida que nos aproximamos do objeto, tornou-se evidente que estávamos diante de um lugar cuja identidade era atravessada por atmosferas fortemente afetivas (Anderson, 2009) - que nos reafirmam a necessidade de reconhecer uma identidade engendrada no cotidiano, nas práticas ordinárias e nas relações interpessoais que (re)configuram o espaço.

Ainda assim, por entendermos que essas escalas não atuam de forma isolada - e que “a memória passa a se constituir como fundamento da identidade, referindo-se aos comportamentos e mentalidades coletivas” (Neves, 2000, p. 109) - buscamos, mesmo com o



foco voltado às práticas diárias, apreender também os traços que apontam para uma identidade de ordem imagética e histórica, não como categorias estanques, mas como camadas que se sobrepõem e se revelam no contato com o território vivido.

A partir de um olhar breve, destacamos a importância de reconhecer a inserção temporal do bairro e pudemos denotar que as datas de construção dos conjuntos habitacionais do Morada da Serra são próximas àquelas de diversos outros bairros de Cuiabá. Ao consultar os relatos expressos nos noticiários locais foi possível identificar, em nosso objeto de estudo, permanências e similaridades com esses outros marcos.

Diante desse cenário, os espaços públicos emergem como mantenedores de uma identidade que não se expressa apenas nas formas físicas, sendo possível convergir o olhar para os gestos cotidianos, para os usos adaptados e para os vínculos e narrativas que os moradores constroem entre si e com o lugar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esse subcentro, situado na Região Administrativa Norte de Cuiabá-MT, configura-se como o mais extenso e populoso da capital, se aproximando da correspondência de quase 10% da população cuiabana (IBGE, 2022). Reconhecer essa dimensão foi o primeiro passo para perceber os elementos que estruturam o cotidiano e a vida urbana que ali se desenha. Atualmente, os conjuntos habitacionais que conformaram sua origem podem ser distinguidos pela forma - tamanho dos lotes, das vias, formato das quadras e tipologia comercial - somada à dinâmica (Sandeville Jr, 2004) que abrigam. Nos CPAs I e II, ao mesmo tempo em que se percebe um ritmo mais frenético, coexistem ruas quase silenciosas, revelando uma dinâmica marcada por ritmos que se setorizam. Já nos CPAs III e IV, consegue-se perceber maior unidade - dada pela presença comum, e quase contínua, das pessoas nos espaços públicos com um ritmo de apropriação mais desacelerado.

Essas percepções resultam da junção da análise cartográfica com o ir à campo, permitindo que se percebam, e não apenas se suponham, os impactos dessa distribuição no cotidiano das pessoas e o quanto ela confere aos lugares dinâmicas próprias e singularidades que os distinguem em determinadas escalas (de análise e de representação).

Ainda que esmiuçar a arquitetura deste lugar não seja o foco central deste material, nos apoiamos ao que Neves (2000) expressa acerca da contribuição das narrativas para se compreender a identidade e as relações de um lugar. Aqui as associamos não apenas àquilo que é dito verbalmente pelas pessoas, mas também ao que é contado pela paisagem - cabendo



ressaltar a possibilidade de caracterizar o recorte também por esse viés. Entretanto, ao observarmos o bairro a partir do que se é visível nos espaços públicos – as fachadas dos edifícios, as praças, os marcos e demais elementos - compreendemos que o que torna este lugar reconhecível vai para além da dinâmica, adicionando a camada de apropriação (Sandeville Jr, 2004).

É nesta conjuntura que se torna inoportuno identificar e distinguir o CPA por meio do que sua fisionomia narra, hodiernamente, sobre seu contexto de implantação. Naquilo que é privado, quase nada desse passado permanece expresso nas fachadas e, por não se tratar de um processo exclusivo, tampouco é isso que o torna reconhecível na cidade – nem mesmo entre seus próprios setores. No entanto, é nesse contraste que se revela o que se destaca em nossos registros por, realmente, dar identidade ao bairro: os modos de vida pública que pulsam no território, que se inscreve nos caminhos, nas pracialidades (Queiroga, 2012) e nos encontros cotidianos. Apesar de também mutável, essa dinâmica se mostra viva e, até mesmo, resistente, capaz de tornar este lugar distinguível - através do que os corpos, os usos e as apropriações reiteram como pertencimento e presença no espaço urbano.

Assim, o sombreado (Paiva, 2024) mostrou-se especialmente fecundo para estudar este objeto, dada sua amplitude física, diversidade de pessoas, usos e elementos, permitindo apreender não apenas a materialidade do bairro, mas aquilo que, a partir de nossa análise mergulhada, lhe confere singularidade.

Por este motivo, ainda que o objeto de estudo seja, de modo principal, o Parque e ETE Lagoa Encantada, procurou-se analisá-lo em relação a um recorte construído pelos atores sociais, compreendendo que essa análise nos evidencia contextos, mas também atmosferas. O distanciado (que não significa estar distante do território) sob o sombreado, permitiu-nos visualizar o equipamento mediante o “todo”. E, por conseguinte, a possibilidade de recortá-lo diante daquilo que o caracteriza como pedaço, revelando-se como uma costura do que é material: as apropriações que emergem das possibilidades ofertadas por um traçado que proporciona potencialidades ao domínio público - sombreamento; espaços livres; áreas com permeabilidade visual; proximidade com as casas e pequenos comércios; e, como consequência, pertencimento.

Para nós, o sombreado permite abraçar essas nuances, possibilitando esse exercício de se aproximar do objeto através de um olhar distanciado, mas com a premissa da imersão no campo. Trata-se de um distanciamento que não é físico, mas analítico, e que possibilita ao observador estar dentro e fora ao mesmo tempo - suficientemente próximo para perceber o vivido, mas também afastado o bastante para captar as estruturas e os sentidos mais sutis,



aqueles que poderiam ser tragados por aquilo que se expressa na repetição do cotidiano. Esse olhar, que se dissimula no lugar, permite registrar o que só se revela na convivência e na presença, mas que exige o recuo reflexivo para ser interpretado.

Situar o Parque Lagoa Encantada em relação ao recorte definido resultou, também, em perceber práticas de cuidado. Foi o mergulho no território – e não o sobrevoo cartográfico apartado – que nos permitiu apreender o lugar a partir dessas práticas, que dão sentido ao espaço e o revelam em sua dimensão vivida.

Constatamos um território em que os moradores e comerciantes se apropriam dos espaços públicos de maneira demarcada, transformando-os em extensões de suas casas - enfatizando-nos que há camadas da vida cotidiana que só se revelam pela convivência e pela experiência direta. Nesse sentido, compreender o lugar exigiu deixar-se afetar por ele.

Nos canteiros centrais das vias dos CPAs III e IV, observamos apropriações motivadas sobretudo pelo consumo local. Diversos comerciantes se instalam nesses espaços com tendas, mobiliários e outros itens de apoio, transformando o canteiro em um território de múltiplos usos. Ainda que tal cenário revele um fenômeno generalizado - a comercialização do/no espaço público –, interessa-nos aqui o que dele emerge de positivo: o movimento de pessoas que confere vitalidade ao lugar. As estruturas erguidas, mesmo ao delimitar o espaço, contribuem para o sombreamento e a proteção das chuvas (conforme ilustrado pelas imagens), somando-se ao mobiliário urbano, inclusive quando os estabelecimentos estão fora de seu horário de funcionamento.

A circulação de pessoas – que vêm comprar, vender, conversar, esperar o ônibus ou simplesmente observar o fluxo da rua – faz com que o lugar se mantenha desperto. O comércio, aqui, não é apenas troca de mercadorias: é também troca de presenças. Ao longo do dia, o espaço se transforma em ponto de encontro, sustentando rotinas e atravessamentos. Somam-se, de modo estrutural e funcional, as dinâmicas do uso institucional: estudantes que saem das aulas e permanecem nos canteiros para almoçar, lanchar e socializar; fiéis que, após as missas e cultos, encontram ali espaços disponíveis para consumir e prolongar o convívio. Neste território, as utilizações, embora distintas, parecem compor uma mesma coreografia cotidiana que, no ruído das conversas, dos anúncios comerciais e dos deslocamentos, estrutura o setor e lhe dá ritmo.

Nas quartas e sextas-feiras, quando as feiras públicas se estendem – entre os canteiros centrais – por longos trechos das avenidas, essa rede se intensifica. As ruas ganham outra sobreposição que diz respeito à sonoridade, ao fluxo e, até mesmo, ao aroma. Nesses dias, o público dos bares se multiplica, o Parque Lagoa Encantada recebe mais



frequentadores, e outros trechos parecem dialogar com esta pulsação. O que se estabelece, então, é um conjunto vivo - feito de gestos, sons e corpos - que se move e movimenta o lugar.

É justamente através desses elementos que o Parque, ainda que apresente em seu interior uma apropriação aquém de sua capacidade (Silva et al., 2024), encontra a razão de ser considerado um equipamento potencial: por pertencer a um sistema de espaços livres e apropriados. O sentido desse espaço, portanto, emerge das relações cotidianas de circulação e sociabilidade que, mesmo diante de processos de homogeneização e de indícios do declínio da pessoa pública (Sennett, 2014), fazem persistir traços de formas de sociabilidade associadas à práticas de vizinhança - fortemente narradas como pertencentes a uma “Cuiabá antiga”.

Nosso recorte, é um lugar que, embora se afirme como subcentro, mantém uma dimensão pública viva nos espaços, assim como se encontra em muitas outras periferias brasileiras: moradores que se sentam às portas de casa, praças e canteiros que se tornam extensões dos quintais, reconhecer os comerciantes de maneira individualizada a partir de uma escala local.

Esses espaços, marcados pela apropriação e pelo cuidado, revelam uma forma de pertencimento que se constrói no cotidiano – são cuidados por aqueles que os reconhecem como parte de si: moradores e comerciantes que, entre o trabalho e a convivência, preservam a vitalidade do bairro. As atividades realizadas vão além da manutenção do espaço, estendendo-se ao cuidado com pessoas e animais. Observamos, contudo, que essas práticas de cuidado são exercidas, majoritariamente, por mulheres, o que evidencia uma reprodução social do cuidado como atribuição feminina. Em contrapartida, a presença feminina nos espaços públicos é desigual: raramente se observa mulheres sozinhas; a maioria aparece em grupos ou acompanhada de homens. Ainda que o local possua muitas particularidades, diversos elementos revelam a persistência de influências estruturais na forma como as práticas se organizam e se manifestam.

São diversas as camadas reveladas pela análise em sombreado, e, nas discussões que a seguem, expressamos tudo aquilo que foi possível registrar em nosso diário de campo - metodologia adotada de forma complementar, conforme anteriormente apresentado. Entretanto, ao expor esses resultados, revelamos também nossa tentativa de articular diferentes formas de leitura que, ao se somarem, não cristalizam o que se vê *in loco*, justamente porque o território tampouco o é. Debruçar-se sobre uma análise relacional é, portanto, ancorar-se em formas narrativas capazes de expressar as múltiplas camadas que o compõem - a forma, a estrutura e o conteúdo.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os elementos que reconhecemos como costurados e costuradores deste território são também infraestruturas, denominadas por Latham e Layton (2019) como sociais. Estas infraestruturas conformam uma atmosfera muito particular, como se este recorte fosse identificado pelo que se constrói na escala do cotidiano, através de práticas que, para além de funcionais, são afetivas – afetos percebidos em ações pequenas, mas que, somadas, configuram a identidade do que aqui estamos reconhecendo pelo que é similar.

Ao longo do estudo, ficou evidente que a vida pública (Queiroga, 2012), pulsante e multifacetada, desempenha papel central na consolidação dessa identidade na esfera do lugar. Mesmo em um contexto marcado por processos de homogeneização e indicadores da possível redução do viver em público, persistem traços de sociabilidade e práticas de cuidado que resistem.

Constata-se que esse tipo de análise ganha força a partir do exercício de múltiplas escalas, que, embora abra diversas possibilidades de apreensão, exige atenção às camadas que se revelam em função do objetivo principal. Esse exercício evidenciou como as práticas cotidianas se articulam com elementos físicos e estruturais, mostrando de que maneira esses itens adquirem novos significados a partir da apropriação. Ao ultrapassarem sua função formal, esses espaços e equipamentos passam a refletir modos de vida viáveis e desenvolvidos por quem habita o território - significados construídos cotidianamente, por aqueles que o vivem.

Compreender o Parque dentro desse sistema nos permite adotar uma abordagem centrada no que é comum. Não apenas pelos canteiros que compartilha, mas também pelo fato de que a maioria de seus frequentadores é oriunda das localidades incluídas em nosso agrupamento de conjunto, especialmente dos CPAs III e IV. Desse modo, compreende-se esse território como correspondente à área de influência do Parque (Silva, 2021).

Diante disso, afirmamos que a identidade do nosso setor de análise reside na conjugação do que é material e do que é imaterial, e que o funcionamento dos canteiros pode potencializar o Parque quando lido dentro desse sistema urbano-afetivo-funcional. Como já apresentado, evidenciamos o desafio de representar tudo o que aqui foi narrado - a complexidade de exibir aquilo que é vivo, real, construído, móvel e mutável. Os métodos formais de representação podem, contudo, nos auxiliar a iniciar essa exposição, provocando novas leituras a partir do que se revelou acerca deste território. Ainda assim, eles dificilmente



abarcam a multiplicidade de constatações sobre o lugar, que permanece múltiplo, diverso e muito distante de estar cristalizado.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Ben. (2009). Affective Atmospheres. **Emotion, Space and Society**. 2. 77-81. 10.1016/j.emospa.2009.08.005.

BÜSCHER, Monika; VELOSO, Leticia. Métodos Móveis. **Tempo Social**, São Paulo, Brasil, v. 30, n. 2, p. 133–151, 2018. DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2018.142258. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ts/article/view/142258>.. Acesso em: 27 jun. 2025.

LATHAM, Alan; LAYTON, Jack. Social infrastructure: why it matters and how urban geographers might study it. **Urban Geography**, V. 43. N5, p. 659-668, 2022.

LINDÓN, Alicia. La ciudad movimiento: cotidianidades, afectividades corporizadas y redes topológicas. **InMediaciones de la Comunicación**, [S. l.], v. 12, n.1, p. 107–126, 2017. DOI: 10.18861/ic.2017.12.1.2668. Disponível em: <https://revistas.ort.edu.uy/inmediaciones-de-la-comunicacion/article/view/2668>. Acesso em: 20 ene. 2025.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Tradução de Maria Cristina Tavares Afonso. Lisboa: Edições 70, 1960.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, 2002. Disponível em: https://nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/de_perto_de_dentro_0.pdf. Acesso em: 3 nov. 2025.

NETO, Antônio. **A rua e a cidade**: Campo Grande e a 14 de julho. Mato Grosso do Sul: UFMS, 2005. ISBN 85-7613-064-5.

NEVES, L. de A. Memória, História e sujeito: substratos da identidade. **História Oral**, [S. l.], v. 3, 2009. DOI: 10.51880/ho.v3i0.25. Disponível em: <https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/25>. Acesso em: 17 fev. 2025.

PAIVA, Daniel. **Manual de métodos qualitativos em geografia**. Lisboa: Centro de estudos geográficos, 2024. 170 p. Disponível em: https://repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10451/64117/1/Paiva_Daniel_2024.pdf. Acesso em: 20 jan. 2025.

QUEIROGA, Eugenio. **Dimensões públicas do espaço contemporâneo**: resistências e transformações de territórios, paisagens e lugares urbanos brasileiros. 2012. 285 p. Tese (Livre docência) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São paulo, 2012.



RELPH, Edward. **Places and Placelessness**: A perspectiva da experiência. 1. ed. [S. l.]: SAGE Publications Ltd, 1976.

SANDEVILLE JR, Euler. Um roteiro para estudo da paisagem intra-urbana (1). **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, ed. 2, 2004. Disponível em: <https://biosphera21.net.br/E-ARQUIVOS/PUBLICACOES/2004-Euler-Sandeville-paisagemroteiro.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2025.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**. [S. l.]: Record, 2014. 532 p.

SILVA, Bruna; SOUZA, Luciana; AZEVEDO, Doriane; FRAPORTI, Frank; SILVA, Tamires. Condicionantes para apropriação dos Espaços Livres Públicos do Bairro Morada da Serra em Cuiabá-MT. In: PNUM - Morfologias (re)existentes: Identidades, vivências e processos, 12º., 2024, Belém. **Anais Eletrônicos** (Caderno de Resumos) [...] Belém:2024. p. 104. Disponível em: https://www.pnum2024.com/_files/ugd/2316f3_ff5954e14cc94fd2bede720a143fdd7e.pdf. Acesso em: 30 de jan. de 2025.

SOUZA, Lucianna Oliveira e. **Entre escalas**: Estudo dos Espaços Livres Públicos do Morada da Serra em Cuiabá.MT. Orientador: Doriane Azevedo. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura, Engenharia e Tecnologia, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2019.

TAROUCO, Fabricio. **Identidade Territorial**: Estratégias de design para valorização de Santo Ângelo. 2011. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, [S. l.], 2011. Disponível em: file:///C:/Users/Bruna%20Sousa/Downloads/identidade_territorial.pdf. Acesso em: 3 nov. 2025.